

Eterna

Tomás havia conseguido. Gastou quase toda a fortuna deixada pelos pais e sacrificou 20 anos de sua vida, mas havia conseguido. Em suas mãos, o grande prêmio, a concretização de todos os seus esforços.

– O senhor conseguiu patrão – disse Alfredo, seu assistente, iluminando o “troféu” que o seu chefe tinha nas mãos. – Achou a cabeça perdida de Tiradentes!

– Sim, encontramos ela, Alfredo – repetiu Tomás, ainda ofegante. – Não teria conseguido sem sua ajuda, meu amigo.

As palavras do homem comoveram seu assistente por alguns instantes, mas um detalhe perturbava-o:

– Como ela pode estar tão bem preservada após duzentos anos, senhor?

– Esta é outra parte de nossa “caça ao tesouro”, Alfredo: descobrir de onde os índios Carijós tiraram o conhecimento de embalsamento para preservar a cabeça de Tiradentes e porquê o fizeram.

Ainda segurando a cabeça do mártir, o homem, na casa dos quarenta anos e de cabelos acinzentados reviveu toda a sua trajetória até chegar ali. Quatro casamentos fracassados, sem filhos e a beira da falência, Tomás nunca desistiu da procura pelo membro de seu antepassado. Era descendente direto de Joaquim José da Silva Xavier. É sabido que Tiradentes teve um breve relacionamento com a famosa “Perpétua Mineira”. O que pouquíssimos sabiam, no entanto, é que a amante do mártir estava grávida quando este fora executado e fugira para outra parte do país para evitar sofrer as consequências de seu envolvimento com o Inconfidente.

– Temos que sair daqui, Alfredo – disse Tomás, voltando à realidade. – reúna os homens!

O assistente balançou a cabeça, concordando e foi ter com os homens que seu patrão contratou para auxiliar na busca pela cabeça de Tiradentes. Um deles, o guia, era descendente dos índios carijós e conhecia cada centímetro daquela região, que culminava no pico do Itacolomy. Alfredo foi ter com ele:

– E agora, como saímos daqui, arumã? Não podemos sair por onde entramos. Os carijós estarão lá a nossa espera. – o tom do assistente era de severidade.

– Ouvi falar de outra saída, mas como nunca havia entrado nesta caverna antes, não tenho certeza – alertou o guia. – Fiquei surpreso de ter encontrado este lugar. Nossos antepassados só contavam estórias sobre ela. Nunca imaginei que fosse real.

– Sempre confie nas estórias dos mais velhos, Arumã – exclamou Tomás, entrando na conversa. – se não confiasse nas estórias que meu avô contava, nunca teria a cabeça de Joaquim José da Silva Xavier nas mãos.

Um a um, os membros da expedição colocaram suas mochilas e ferramentas nos ombros e todos seguiram o caminho indicado pelo guia. A escuridão seria total, não fossem as lanternas. O caminho era extremamente acidentado, com grandes pedras dificultando o passo. Tomás levava a cabeça de seu antepassado na frente do peito, dentro de uma mochila própria, como uma mãe canguru carregando seu filhote. Não perderia aquela conquista de vista por nada.

Alguns passos mais à frente, começaram a subir, o que dificultou ainda mais a caminhada. As pedras, úmidas e escorregadias, eram um risco à parte. Alfredo respirou aliviado quando um dos homens gritou a palavra “saída”.

– Pode ser a saída, Arumã? – perguntou Tomás, esperançoso.

– É a saída pra mim, senhor!

Dito isto, o guia moveu-se com rapidez para a abertura que avistaram. O homem de cabelos acinzentados ficou em choque quando percebeu o que estava acontecendo. Havia sido traído.

– Encontramos ela! – gritou Arumã pela abertura. – Encontramos a cabeça!

– Filho da m...

Tomás não conseguiu terminar o insulto. Uma voz há muito conhecida dele ouviu-se do outro lado da abertura.

– Arumã, diga ao seu amigo metido a Indiana Jones para entregar a cabeça ou vamos encher esse buraco de dinamites.

O descendente de Tiradentes avançou em direção ao guia e derrubou-o com um pontapé. Pulou para cima dele e começou a esmurrá-lo. Arumã revidou e golpeou Tomás na altura do estômago, fazendo-o recuar. Alfredo pediu ajuda dos homens para separá-los antes que fosse tarde demais.

– Senhor, pare! É tarde demais. Não vale a pena. Poupe sua energia. Temos que pensar como vamos sair desta armadilha.

O assistente virou-se para o guia nesse momento. Os outros homens agarraram-no e era visível que eles também queriam se vingar do traidor. Suas vidas agora também corriam perigo. Tomás aos poucos recuperou o fôlego e, ainda trêmulo, dirigiu-se para a abertura.

– Sei que você não vai explodir a cabeça, Marcel – provocou ele. – Você precisa dela inteira.

Marcel Chateaubriand, um vendedor do mercado negro de antiguidades e portador de grandes madeixas loiras no couro cabeludo, respirou fundo. Sabia que Tomás tinha razão. Resolveu usar outro argumento:

– Tudo bem então, meu amigo. Você me pegou nessa, mas eu posso fechar essa passagem e deixar vocês ai para sufocarem até a morte!

O mercador esboçou um sorriso. Lá dentro, Alfredo viu no rosto do patrão a reação de quem perdeu a última carta que tinha na manga.

– Tantos anos de minha vida – lamentou-se Tomas. – eu estava tão perto, tão perto. Tudo culpa desse filho da mãe.

Dominado mais uma vez pela fúria, o homem avançou sobre o guia, tentando estrangulá-lo. Os homens não tentaram impedir desta vez e nem seu fiel assistente fez questão de fazê-lo. De repente, um estampido abafado chegou aos ouvidos de todos e Tomás deteve-se.

– Tiros!

O som de gritos e tiros entravam pela abertura da caverna. Todos ficaram imóveis, aflitos pelo que os esperava depois daquela confusão. Segundos depois, tudo ficou em silêncio, como se nada tivesse acontecido. Um dos homens correu para abertura, curioso para saber o que havia se passado lá fora. Entretanto, ao se aproximar da abertura, assustou-se com um par de olhos pintados que surgiu de repente.

– São os Carijós! – exclamou Alfredo, surpreso. Marcel e seus capangas os atraíram para cá. Estamos perdidos!

Neste momento, um som de passos rápidos desviou a atenção de todos. Vinha de onde Tomás encontrou a cabeça. O que quer que fosse, aproximava-se rapidamente. Instantes depois, uma dezena de índios carijós, armados com arcos, lanças e tacapes revelou-se diante da expedição. Pelas indumentárias e pintura característica, o homem de cabelo acinzentado reconheceu o chefe. Virou-se para o guia traidor e disse:

– Fale com eles – ordenou. – Descubra o que querem se quiser sair vivo daqui!

Arumã falava um perfeito tupi-guarani e fez contato verbal. O chefe disse algumas palavras e Tomás percebeu fúria em sua voz.

– O que ele disse, Arumã? Fale!

– Disse que invadimos sua terra mais sagrada – respondeu o guia, assustado.
– Os últimos que pisaram aqui foram os portugueses procurando ouro e eles nunca saíram daqui.

Espanto nos olhos de todos. Alfredo viu o fim, mas Tomás era dominado pela curiosidade. Tinha que saber como aquela cabeça havia parado ali.

– Pergunte sobre a cabeça de Tiradentes. Quero saber como veio parar aqui.

O guia obedeceu novamente, mas desta vez, o chefe dos carijós foi mais breve.

– Ele disse uma palavra que não tem tradução literal no português, mas é alguma coisa como “Eterna”.

Surpresa nos olhos do homem de cabelos acinzentados. “Eterna?”, repetiu ele em pensamento. “O que isso quer dizer?”. Um turbilhão de palavras e imagens correu por sua mente, mas nada do que havia estudado da cultura indígena dava uma pista do significado da palavra.

Subitamente, uma lembrança de seu antepassado surgiu em meio a tantos pensamentos. Olhou para Alfredo e seu assistente percebeu no rosto de seu patrão o entusiasmo.

– Eterna! Alfredo, qual um dos sinônimos para eterna?

O assistente olhou para um lado e outro, mas nada vinha a sua mente.

– “Perpétua!” – adiantou-se Tomás ao homem, sorrindo. – Perpétua Mineira! A amante de Tiradentes! Ela roubou a cabeça! Foi ela quem roubou a cabeça de Tiradentes!

O assistente sorriu mesmo estando em perigo. Um mistério de mais de duzentos anos havia sido desvendado. Viu a empolgação de seu patrão e por alguns momentos esqueceram-se do perigo que corriam. Ainda tomado pelo entusiasmo, Tomás continuou:

– Perpétua era a chave de todo o mistério todos esses anos. Como ninguém pensou nisso antes? Como eu não pensei nisso antes? Arumã, pergunte porque ela trouxe a cabeça pra cá. Porque motivo ela faria isso?

O guia estava apavorado. Temia por sua vida. Como descendente dos carijós, sabia que sua traição seria punida severamente. Tinha esperança de que, ajudando o homem de cabelo acinzentado, teria uma chance de escapar com o mesmo e seus homens. Ele e o chefe indígena trocaram algumas palavras e Arumã voltou-se para o homem que contratou seu serviços:

– o chefe disse para entregarmos a cabeça se quisermos sair daqui com vida. Vai nos poupar porque sabe que você tem o sangue da mulher.

– Ele sabe? Como?

Os índios levantaram suas armas e Tomás calou-se. Voltou a si naquele momento e lembrou-se de que sua vida corria perigo. Olhou para Alfredo e percebeu algo inédito. Havia sacrificado muita coisa para encontrar a cabeça de seu antepassado. Naquele momento, no entanto, vendo o medo nos olhos de seu fiel assistente, soube que não estava disposto a arriscar sua vida e nem a de seu amigo. Tirou a mochila na qual trazia a cabeça do inconfidente dos ombros e entregou-a ao chefe dos carijós. Este, conferiu-a e dirigiu algumas palavras ao guia.

– O chefe disse que se voltarmos aqui novamente, vamos ficar aqui nesta caverna por toda a eternidade, como a cabeça que está na mochila.

Tomás concordou com um gesto respeitoso. Olhou para Alfredo e os homens que havia contratado. Todos entenderam e começaram a caminhar em direção ao caminho por onde entraram. Para a surpresa do homem de cabelos acinzentados, os índios não deixaram o guia fazer-lhes companhia e agarraram-no pelos braços. Arumã pagaria o preço por trair seu povo. Tomás saía aliviado por ter encontrado o que tanto procurava mas agora o mistério de Perpétua Mineira inundava brutalmente sua mente como um vagalhão e prometeu a si mesmo que faria de tudo para desvendá-lo.